

## Os retratos da cidade de Goiânia: povos, línguas e paisagem linguística

Mateus Albino Costa (IC), Mariany Aline Pereira Santos (IC), Ema Marta Dunck Cintra (PQ)\*

PIBIC-EM/PIBIC/PIBITI

Câmpus Goiânia

\* [ema.cintra@ifg.edu.br](mailto:ema.cintra@ifg.edu.br)

**Palavras Chave:** *Diversidade linguística; Paisagem Linguística; Atitude Linguística; Línguas de Imigrantes; Línguas Indígenas.*

### Introdução

Os contextos multilíngues que podem ser identificados no Brasil (OLIVEIRA, 2008) são abundantes, sabendo disso, a pesquisa refletiu sobre o fato de as pessoas considerarem o Brasil e suas cidades como monolíngues e ampliou as discussões sobre variedade linguística sob a ótica das paisagens linguísticas (CENOZ; GORTER, 2008). Tendo como foco a cidade de Goiânia, a pesquisa demonstra as línguas que as pessoas reconhecem, entre elas as dos imigrantes e dos indígenas, analisando as atitudes dos participantes da pesquisa em relação a essas línguas. Aponta, também, as novas paisagens linguísticas formadas em virtude dos novos movimentos migratórios para capital Goiânia e a importância das línguas como marca identitária.

### Metodologia

A pesquisa teve abordagem quantitativa e qualitativa (BOGDAN, BIKLEN, 1994). Utilizou-se de questionários que foram aplicados à comunidade acadêmica do IFG/Goiânia. Sobre os dados obtidos foi feita a análise de conteúdo (BARDIN, 2016) tanto relacionada aos dados quantitativos de línguas reconhecidas pelos participantes da pesquisa, como a atitude das pessoas em relação e essas línguas (LABOV, 1972). Além disso fez-se registros fotográficos das novas paisagens linguísticas.

### Resultados e Discussão

Os dados apontam que o mito de que o Brasil e suas cidades sejam monolíngues não procede, pois, embora pessoas afirmem que no Brasil se fala apenas uma língua, a portuguesa, no momento de dizerem quais percebem na cidade, os dados registrados nos questionários respondidos mostram que 25 línguas são identificadas pelas pessoas na capital Goiânia. As atitudes positivas sobre a língua inglesa e espanhola se sobrepuseram em detrimento a outras línguas de imigração, bem como sobre as línguas indígenas. Os registros fotográficos também demonstram as novas paisagens linguísticas configuradas em decorrência da ocupação territorial dos novos imigrantes. A maior identificação das línguas ocorreram com os estudantes do curso de letras, especialmente os que já receberam formação sobre essa temática, em detrimento aos alunos ingressantes de letras, bem como os alunos de outros cursos.

Figura 1. Línguas percebidas pela comunidade acadêmica.

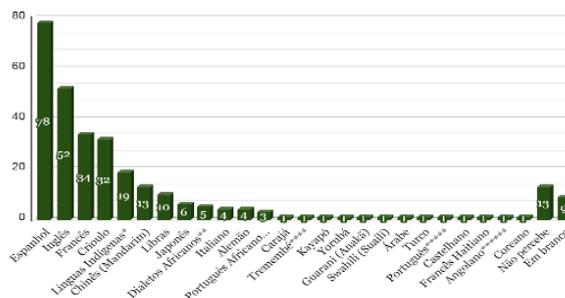


Figura 2. Letreiro comercial escrito em Zulu



### Conclusões

O Brasil não é monolíngue. A formação sobre a diversidade de línguas no e de Brasil é necessária para os profissionais que atuarão na educação básica, pois assim se valorizam todas as línguas, reconhecendo-as como importante para a identidade da pessoa, de um povo e de um país. Se assim não o fosse, as pessoas não se preocupariam em nomear seu estabelecimento com a sua língua materna. Língua é vida, é cultura, é identidade.

### Agradecimentos

Ao CNPQ e ao IFG.

### Referências

- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Trad. Maria J A., Sara B. dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994
- CENOZ, J.; GORTER, D. **El estudio del paisaje lingüístico**. 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11245/1.293687>>. Acesso em: 22 set. 2022.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller. **Plurilingüismo no Brasil**. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL). Brasília, jul. 2008.